NKISI - MUKIXI - HAMBA

Ha muitos anos os adeptos do Candomblé procuraram saber o verdadeiro significado da palavra NKISI, MUKIXI e HAMBA por se tratar de ser o nome que denominamos as DIVINDADES cultuadas nos Candomblé Angola e Congo.

Os nomes NKISI, MUKIXI e HAMBA entre os adeptos do Candomblé é conhecido com o significado de DIVINDADE mas, iremos aqui detalhar e buscar as mais diversas formas para traduzir esses nomes. Não queremos modificar ou mudar o seu significado e sim ampliar com o proposito de oferecer aos mais interessados uma maior visão sobre o significado das palavras NKISI, MUKIXI e HAMBA.

De acordo com Rui Sousa Martins, os povos Yaka, Suku, Holo, Imbangala, Lunda, Tchokwe, Luena, Lutchaze e Mbunda utilizam o radical KISI ou KIXI conforme a pronuncia (pg: 490).

Segundo Rui Sousa Martins, é encontrado duas palavra de radical KISI ou KIXI na lingua Kimbundu entre os povos Ndembu. As duas palavras são: MUKIXI e DIKIXI e o seu plural MAKIXI. Mas segundo Manuel Pedroso Gonçalves, citado por Rui Sousa Martins, fez um valioso estudo na area de Angola sobre Mukixi, encontrando MUKIXI como sinónimo de DIKIXI.

Rui Sousa Martins querendo aprofundar mais na compreenção do verdadeiro significado da palavra MUKIXI e DIKIXI fez inumeras indagações aos velhos guardiões da tradição local, e sendo revelado que não existe nenhuma identificação entre MUKIXI e DIKIXI.

Segundo a resposta que deram Rui Sousa Martins, MUKIXI ou MUKIXI UA NGOLA, ou MUKIXI UA MAHAMBA era uma mulher que foi manifestada pelo espirito do seu antepassado, e que foi iniciada por um Kimbanda e um Kabanda Ka Ngola que é especialista no culto sagrado dos antepassados no templo familiar. E usando essa mulher, como insignia uma colar de Mandungu (Missanga grande) com Maju ma ngo (Dentes de leopardo).

Agora, através das explicações dos velhos na região de Angola ao escritor Rui Sousa Martins, presenciamos que a palavra MUKIXI era o nome de uma mulher possuida (iniciada) pelo espirito do seu antepassado, mas qual seria o significado da palavra MAHAMBA que compoe ou passou a compor o nome da mulher? Ou sera que MAHAMBA e NGOLA também tem o significado de ANTEPASSADO ou ANCESTRAL? Por isso a mulher chama-se MUKIXI UA MAHAMBA ou MUKIXI UA NGOLA com o proposito de reconhecimento ao ancestral?

Em partes creio nessa ipotese de MUKIXI UA MAHAMBA ou MUKIXI UA NGOLA, especificamente MAHAMBA e NGOLA ser o nome de reconhecimento por varios motivos, primeiro: é comum recebermos nomes em homenagem ha um antepassado ou um ancestral mais antigo, sendo assim o nome de uma pessoa esta ligado a raiz, aos antepassados, evocando toda a força da ancestralidade,; segundo: a palavra MAHAMBA cujo singular é HAMBA, de acordo com Patricio Batsikama (2010), deriva da palavra KAMBA que significa AMIGO, e sendo as MAHAMBA encontradas no Ngombo ya Cisuka (Oraculo) cujas peças que ha compoe conhecida como Kapele (pl: Tupele), estarem todas juntas como MAKAMBA - AMIGOS; terceiro: a palavra NGOLA deriva de NGOLO que significa FORÇA, uma vez que NGOLA designa o titulo de Chefe ou Senhor no Antigo Reino do Ndongo, por isso a palavra NGOLA além de ter originado a palavra ANGOLA e ser o titulo dos Chefes ou Senhores do Antigo Reino do Ndongo deriva da palavra NGOLO que significa FORÇA, caracterizando a ligação com uma forte ancestralidade, pois o ser mais poderoso no mundo bantu é o ANTEPASSADO ou ANCESTRAL.

Temos no Candomblé Angola e Congo a palavra MAHAMBA cujo singular é HAMBA que significa DIVINDADE, para designar as divindades que compoe o grupo familiar de um Nkisi ou Mukixi. E assim mais uma vez caimos dentro do Cesto do Ngombo, lugar aonde podemos encontrar as Mahamba, todas juntas como MAKAMBA - AMIGOS, e com NGOLO - FORÇA, PODER.

Muitos devem estar concluindo que os adeptos do Candomblé Angola e Congo cultuam ANCESTRAL COM FORMA HUMANA E DIVINIZADO, mas eu digo nem que sim e nem que não, pois a palavra ANCESTRAL esta ligada aos tempos primodios, tempo da criação da terra, um tempo que nos conecta com Nzambi Mpungu por ser ele o nosso primeiro ancestral, a fonte de tudo que vemos e sentimos, principalmente tudo aquilo que não vemos. A Terra, o Fogo, a Água e o Ar são ancestrais, nossos antepassados divinizados mais remotos.

Conforme as informações de Rui Sousa Martins e Mesquitela Lima, na região Norte e Nordeste de Angola as mascaras e mascarados são designado com o radical KISI ou KIXI.

As palavras NKISI e MUKIXI exceto HAMBA esta claramente ligado a mascara e ao mascarado, uma hora sendo NKISI ou MUKIXI a mascara e outra hora sendo o proprio mascarado.

Segundo Mesquitela Lima (1976), o Norte e Nordeste de Angola usam a palavra MUKIXI, DIKIXI, RIKIXI ou LIKIXI para designar mascara e mascarado, assim como o espirito do antepassado, cujo radical KISI ou KIXI são escrito da seguinte forma: n'quisi, quisi, kisi, n'kisi, nkissi, kissi, kixe, kixi, nkixe, nkixi, nquishi, quishi, nkichi, kichi, nquiche, quiche, nkiche e kiche. Já o prefixo desses radicais são usados: mu, ri ou li para o singular e a, mi, ma ou ba para o plural (pg:81).

Agora podemos observar que o nome da mulher possuida pelo espirito do seu antepassado, conhecida como MUKIXI UA MAHAMBA ou MUKIXI UA NGOLA, revelado ao escritor Rui Sousa Martins, por um Kota (Idoso), significa ser a primeira mulher ha fazer uso de uma mascara ancestral. Sendo assim, MUKIXI além de ser o nome da primeira mulher mascarada, é também a mascara, pois a MAHAMBA é quem possui o MUKIXI, por isso o nome da primeira mulher possuida pelo espirito do antepassado chamava-se MUKIXI UA MAHAMBA que ao pé da letra significaria A MASCARA DO ANCESTRAL.

Torday e Joice, citados por Mesquitela Lima (1976), transcreve um lenda que revela a origem de um mascarado que condiz com as explicações que o Kota (Idoso) disse ao escritor Rui Sousa Gonçalves sobre MUKIXI, MUKIXI UA MAHAMBA ou MUKIXI UA NGOLA ser o nome de uma mulher que foi incorporada pelo espirito do seu antepassado.

Conta-se a lenda que:

" Xafwanandenda era mwata de uma grande aldeia. Tinha sob o seu domínio imensa gente, grandes mayanga (caçadores) e os melhores twa (cães de caça) de toda a região. Os nganga a mukanda (homens que fazem a circuncisão) da txihunda (aldeia) de Xafwanandenda era muito afamados. Toda a gente os mandava chamar mais os seus ilombola (ajudantes da circuncisão) para que interviessem nas suas festas de mukanda. A razão disso era porque Xafwanandenda foi quem, entre os Lundas, começou pela primeira vez a fazer a circuncisão. Nesta época ainda não havia mascarados. Porém, um dia, uma mulher da aldeia, de nome Natxifwa, para amedrontar o filho que queria acompanhá-la ao rio onde ia buscar água numa cabaça, desenhou uns olhos sobre ela e voltando-se para o filho disse: - tu não podes ir comigo porque no lwiji (rio) há pessoas assim. - E mostrava a cabaça onde estavam desenhados os olhos. O miúdo, ao ver tal, amedrontou-se e foi esconder-se no interior da nzuwo (casa). E a mulher foi descansada buscar água ao rio onde contou

o sucedido a outras suas amigas que passaram a adoptar o mesmo sistema. Assim, as mulheres passaram a manter os seus filhos em respeito, acontecendo o mesmo a maior parte dos homens, que passaram a temer as mulheres, alegando que tinham feitiço. Xafwanandenda via o poder dos homens decrescer em benefício do das mulheres. Um dia foi ao yambu (mato) e encontrou uma enorme cabaça redonda com grandes olhos em fenda, uma boca com dentes salientes, toda coberta de rede e dos lados saíam-lhe grandes cornos. Atemorizado, quis fugir, mas a cabaça falou-lhe:
- Não tenhas medo, não sou txipupu (alma do outro mundo), eu sou teu mukulu (antepassado) e sei também que andas muito preocupado com o que está acontecendo com as mulheres da tua aldeia.
- O que hei-de fazer? - inquiriu Xafwanandenda.
- Olha - e apontava para outra cabaça -, pega nela, faz-lhe olhos, boca e nariz, cobre-a de rede e coloca-a no rosto. Depois disto cobre-te de folhas e capim e aparece na txota (recinto só para homens) da tua aldeia. Todos virão ver-te, e então dirás que representas os myata akulu (chefes antigos) e que de hoje para o futuro toda a mulher que for apanhada com cabaças em forma de máscara sofrerá o castigo dos makulwana (grandes) já falecidos. Depois, reunirás todos os homens, com excepção dos twanuke (rapazes não-circuncidados), e explicarás que o teu segredo não pode ser revelado as mulheres e crianças. Desta forma, estou certo, acabarás com o poderio das mulheres.
- Mas porque hei-de pôr este objeto no rosto? - perguntou Xafwanandenda.
- Se a puseres na tua face, passarás a ser mukixi (espírito) e serás como os teus makulwana que vivem no mundo dos yizuli (das sombras). Não têm a face de homens, pois morreram e foram ter com Kalunga nyi Nzambi (Deus Supremo).
Xafwanandenda assim fez, e, na realidade, os homens passaram a reunir-se na floresta: mascaravam-se, dançavam e imolavam animais em honra dos antepassados falecidos. Algumas vezes dançavam a volta de uma grande cabaça coberta de rede, com olhos, nariz e boca pintados, a qual representava os mukulwana já falecidos. Se alguma mulher ou criança se aproximava do local, corria esbaforida, indo esconder-se na cubata ou nos sítios mais recônditos do mato.
Por aquela época, realizava-se na sanzala de Xafwanandenda uma grande mukanda, mas os homens encarregados dos tundandji (iniciados), os yiembwoka ou yilombola, tinham muita dificuldade em obter comida quando a pediam nas sanzalas. Reunindo-se, os homens resolveram que os yilombola deveriam aparecer nas aldeias mascarados. Assim se fez e, quando as mulheres e crianças viam os mascarados, fugiam a sete pés. Então, os yilombola roubavam comida que levavam para o acampamento da circuncisão" (Mesquitela Lima: 1976; pag. 94, 95).

Conforme as informações de Mesquitela Lima (1976), na região Lunda Sul, a primeira mulher supostamente que inventou a máscara se chama Natxifwa, a mesma Natxifwa da lenda acima, assim como é um titulo da unica mulher idosa que cozinha para os neofitos da mukanda em uma cubata com o nome de txifwa, e que pode entrar no local da circuncisão.
Na África-Bantu o NKISI e o MUKIXI faz uso de mascaras para preservar o segredo e mostrar aos descententes que já não portam ou nunca portaram uma face humana, e principalmente demonstrando serem seres divinos possuidores de uma unica face, pois sabemos que as expressões da masca é fixa. Já as expressões humana não são fixa, pois modificam de segundo ha segundo e principalmente por sentirem um sentimento e demonstra outro, ocultado o verdadeiro sentimento, por isso os seres humano estão em fase de evolução, enquanto as DIVINDADES são evoluidas e portadoras de grades sabedorias que a cabeça humana não é capaz de ingerir.

É por esse e outros motivos que o NKISI e o MUKIXI sendo uma DIVINDADE para nós, cultuado no Candomblé Angola e Congo como DEUSES, são seres completos, sem mascaras e sem expressões humanas, por isso utilizam mascaras com uma natureza fixa.

No Candomblé Angola e Congo, a palavra NKISI designa as DIVINDADES de origem KONGO e a palavra MUKIXI designa as DIVINDADES de origem NGOLA (ANGOLA), já a palavra MAHAMBA designa as DIVINDADES que compoe o grupo familiar do NKISI ou MUKIXI.

Os radicais KISI ou KIXI além de encontrarmos no Kimbundu, também encontramos no Kikongo.

No Kimbundu as palavras são:

NKISI cujo plural é AKISI, MINKISI e BANKISI.
DIKIXI cujo plural é MAKIXI.
MUKISI cujo plural é AKISI e MAKISI.
MUKIXI cujo plural é AKIXI e MAKIXI.

No Kikongo as palavras são:

NKISI cujo plural é MINKISI e BANKISI.
NKISI-NSI cujo plural é BAKISI-BASI.

Agora se pode observar que o radical ou seja a raiz da palavra MUKIXI e NKISI, é a mesma: KISI ou KIXI.

Nkisi uma palavra Kikongo, assim como Kimbundu denomina os espiritos antigos, das terras do Reino do Kongo e do Reino do Ndongo. Na região de Angola, cultua espiritos antigos, espiritos da natureza e não a natureza, conhecido com as raizes ou radical como NKISI ou NKIXI que forma a palavra Mukixi.

No Kikongo, a letra N em determinadas palavras é comprimida. Essa letra antes de ser comprimida, de acordo com Patricio Batsikama (2010), no Kikongo antigo era escrito MU no lugar aonde hoje colocamos o N.

Exemplo: MUKONGO no Kikongo antigo, NKONGO no Kikongo moderno.

Assim como a palavra Mukongo no Kimbundu significa CAÇADOR, a palavra Nkongo no Kikongo moderno também significa CAÇADOR, assim com o mesmo significado no Kikongo antigo. E por conta da letra N ser nasalado, as vezes aspero ou as vezes sem som, pode ser pronunciado como KONGO, e é por isso que encontramos palavras que não compreendemos, pois o Kikongo antigo antecede os dicionarios e gramaticas publcados pelos missionarios.

Quando pronunciamos a frase REINO DO KONGO, a palavra KONGO tem um sentido de TERRA, CHEFE, REI... ou seja, REINO DO CAÇADOR, pois sabemos que esse reino, assim como o REINO NDONGO a caça era a profição mais executada.

Então, pode-se observar que a palavra MUKIXI e NKISI são as mesmas, não muda em nada a sua raiz, pois a silaba XI da palavra MUKIXI vem da silaba SI, e esse XI ou SI vem de NSI no Kikongo e IXI no Kimbundu cujo significado é TERRA em ambas linguas. Já a palavra MUKI tem o significado de FORÇA nas linguas Kimbundu e Kikongo.

NKISI tanto é a DIVINDADE INCORPORADA usando sua unica face, uma Mukange, conforme a tradição, quanto o seu Kuxikama (Assentamento). E dessa mesma forma é o MUKIXI no Angola. Assim como é a designação de ambas na natureza.

Com relação a palavra HAMBA, é uma palavra de origem Kimbundu e deriva da palavra KAMBA cujo plural é MAKAMBA que significa AMIGO na lingua Kikongo. A palavra HAMBA cujo plural é MAHAMBA não denomina a DIVINDADE INCORPORADA entre os Lunda, Tchokwe ou Luxaze, pois quando incorporada para festival, passa a ser chamada de MUKIXI por conta da MUKANGE (MASCARA) que significa o mesmo que MUKIXI utilizado pelo seu descendente.

Explicamos aqui sobre o MUKIXI (ANGOLA) o NKISI (CONGO) e HAMBA (ANGOLA/CONGO), mas não falamos sobre a palavra DIKIXI cujo plural é MAKIXI.e a palavra NKISI-NSI cujo plural é BAKISI-BASI.

As informações que obtivemos através do escritor Rui Sousa Martins, DIKIXI cujo plural é MAKIXI, nada tem haver com a palavra MUKIXI como esplicamos acima, mas o seu registro completo sobre MAKIXI transcreveremos nas proximas linhas para que seja melhor colocado e comparado.

Conforme registra Dennett (1906), " o Makishi são às vezes diz ter muitas cabeças, em uma história quando o herói corta a cabeça de um dikishi, ele imediatamente cresce um segundo, no outro um dikishi carrega uma mulher e faz dela sua esposa, quando seu filho nasce e encontrado para ter apenas uma cabeça, o marido ameaça a chamá-lo de "nosso povo" para comê-la se ela já tem outro como ele. Como o segundo bebê aparece com duas cabeças a ameaça não foi cumprido. Mas, pensando que a melhor forma de estar no lado seguro, a mulher levou o mais velho da criança e fugiu, escondeu-se durante a noite em uma casa abandonada, ficou surpreso quando adormecido por umdikishi errantes, e comido depois de tudo".

Mas Mesquitela Lima (1976), registra que:

"CHATELAIN apresenta na sua obra alguns contos em que entram <<ma kishi>> (sing: <<di kishi>>), dizendo que tais personagens são representações folclóricas, semi-históricas ou semimitológicas dos Vátuas que os Bantos incorporaram no seu conto popular. Relaciona também os <<ma kishi>> com o canibalismo. Talvez este autor tivesse sido mal informado, pois não me quer parecer (pelo menos não possuo quaisquer informações ou testemunhos que o confirmem) que os Vátuas tenham qualquer relação com os mascarados" (Mesquitela Lima: pag: 82).

Dennett (1906), assim como Mesquitela Lima fez o seu comentario sobre o que escreveu Chatelain sobre DIKIXI e os Batwa, também faz seu comentario que:

"Chatelain pensou que o Makishi foram os habitantes indígenas do país, o "Batua (Batwa) Pigmeus," não como são agora, mas como apareceu aos colonos originais Bantu ". Mas não há nenhuma evidência de que os pigmeus ou os bosquímanos (a quem a chamada Zulus Abatwa) nunca foram considerados como canibais. Informantes Callaway Zulu foram muito enfático sobre "o horror do Abatwa", que, se ofendido, como por uma referência à sua pequena estatura, sobre os quais foram especialmente sensíveis, iria atirar-lhe com uma flecha envenenada, assim que olhar para você. Mas não há nenhuma referência ao seu comer carne humana".

Como podemos ver acima, Mesquitela Lima e Dennet desconcideram que os MAKIXI tenham qualquer relação com os Batwa e os AKIXI.

Rui Sousa Martins registra que:

"E os makishi (sing. dikishi) quem eram? Os makishi, conforme rezam os mabadiu que tantas vezes ouvimos da boca dos velhos da região, eram <<a primeira nação do mundo>>. Um povo de caçadores e notáveis ferreiros que praticavam a antropofagia e foram os introdutores da podoa (invo, pl. jinvo) e da banana kimburi. Habitavam em casas redondas de tecto cónico e cobriam as sepulturas com tumuli de pedra solta amontoada. Os makishi eram de baixa estatura mas fortes e de pele amarelada. Mas a sua caracteristica mais surpreendente era possuir varias cabeças, pormenor terrífico que os narradores não se cansavam de acentuar.

As narrativas sobre os makishi, que apresentam numerosas variantes onde se reunem elementos etiológicos e estético-fabulosos, particularmente realçados, têm sido recolhidas entre grupos de lingua Kimbundu e lingua Kongo nuna vasta área a norte do rio Kwanza com limites difusos a norte (rio Loje?) e a leste (Brito Godins?). Podemos acrescentar que os estudiosos do Kimbundu quando se referem aos Makishi fazem-nos em termos concordantes com os elementos que recolhemos. Óscar Ribas diz-nos acerca do termo dikishi: <<Monstro de grande cabbeça, a qual, uma vez decepada, se reproduz limitadamente, segundo uns, ou com muitas cabeças simultaneas, em número variável, segundo outros. Estes seres, embora com forma humana, são antropófagos, vivendo entre si, isolados do homem propriamente dito. Este estado também pode ser obtido por magia, por um tempo determinado. De <<Kuxila>> sorver>>. Matta traduz <<rikixi>> por <<cabeça grande (myth) monstro>>. Assis Junior registra o mesmo termo (<<rikixi>>, pl. <<makixi>>) com os significados: <anão, pigmeu, homem pequeno de cabeça grande, hidra, monstro>>. Também Pereira do Nascimento atribui a <<rikixi>> (pl. <<makixi>>) o significado de <<monstro (mythologico)>>. António da Silva Maia registrou os termos <<dikixi>> e <<murikixi>> para monstros e <<dikixi>> para anão.

Parece que todos os elementos concordam em afirmar que no Kimbundu os termos de radical kishi não significam explicitamente máscara ou mascarado.

Mas antes de prosseguirmos importa dizer uma palavra de esclarecimento sobre a tradução de dikishi por anão. Na mesma área das narrativas de makishi existem <<lendas anióticas> referentes a seres de pequena estatura e pele clara, prováveis reminiscências de pigmóides ainda vivos na imaginação dos actuais. Muitas vezes elementos dos dois ciclos temáticos aparecem misturados na mesma narrativa, o que explica as traduções citadas.

Retomemos a questão dos makishi e o seu elemento fantástico: a multicefalia. Segundo a versão mais corrente, os makishi tinham duas ou três cabeças com carácter de hidra: uma vez decepadas voltariam a crescer. Alguns narradores atribuem-lhes quatro, cinco e até seis cabeças. Ouvimos uma versão em que o dikishi aparece com uma única cabeça de grande tamanho. E, no decurso das longas conversas sobre este tema, os velhos acabaram por dizer que os makishi tinham somente uma cabeça e que as outras apareciam ou desapareciam, colocadas conforme as circunstancias ou desejos de momento. Relacionada com a multicefalia ouvimos também várias vezes a expressão: <<colocar as cabeças>>. Pedroso Gonçalves recolheu uma versão segundo a qual das duas ou três cabeças só uma era visível. O Padre José Sporndli, C.S.Sp., que durante a sua estadia na <<Missão dos Dembos>> fez estudos etnológicos e foi colaborador de John Gossweiler, também recolheu várias narrativas de makishi <<que diziam ter duas cabeças>> ou, mais concretamente. seriam <<de duas caras>>.

Como interpretar a multicefallia dos makishi? Já defendemos noutro trabalho que a multicefalia pode interpretar-se como uma alusão simbólica ao mascarado, elaborada esteticamente com acentuação de aspectos fantásticos e monstruosos.

As narrativas de makishi constituen um modo de explicação da realidade que não se destina aos adultos, aos iniciados, mas as crianças. Os mais velhos, ao mesmo tempo que transmitem aos jovens ouvintes dos mabadiu uma explicação mítica sobre o passado, as máscaras, as sepulturas, os utensílios, etc., atemorizam-nos com o monstro de várias cabeças que os devorará caso não cumpram as normas estabelecidas ou desrespeitem as ordens dos mais velhos.

O termo di ou rikishi que nas línguas do Leste angolano significa máscara ou mascarado, assume

em Kimbundu o significado de monstro multicéfalo e antropofago. Codificou-se acima de tudo uma impressão e uma explicação das máscaras que são colocadas num tempo e num espaço místicos" (Rui de Sousa Martins: pag. 491, 492, 493, 494).

Conclusão:

O Nkisi e o Mukixi tem uma mesma raiz. O plural de NKISI é MINKISI e nunca JINKISI... O plural de MUKIXI é AKIXI e nunca JINKIXI como muito presenciamos nas escritas de muitos adeptos e estudiosos.

Rodrigo Luiz - Tata Kitalehoxi, Ndanji Goméia.